

Gaúcho entra em lista global de líderes de fintechs

Fundador do Agibank, Marciano Testa figura entre os 100 principais nomes da publicação britânica FinTech Magazine

/ MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

O empresário gaúcho Marciano Testa, fundador do Agibank, foi incluído entre os 100 principais líderes globais do setor de fintechs neste ano pela publicação britânica FinTech Magazine. Natural de Veranópolis, em uma área que hoje corresponde ao município de Fagundes Varela, na Serra Gaúcha, Testa ocupa a 70ª colocação da lista, que reúne executivos das principais companhias de tecnologia e serviços financeiros do mundo.

Ao apresentar o empresário, a publicação destaca justamente a origem no Rio Grande do Sul e a trajetória iniciada no mercado de crédito. Conforme a FinTech Magazine, “Testa cresceu em uma família trabalhadora no Estado e fundou, em 1999, ainda estudante, o negócio que viria a se tornar o Agibank, inicialmente trabalhando com a venda de crédito de porta em porta”.

A revista também menciona a transformação da companhia em um dos principais bancos digitais brasileiros e sua abertura de capital na Bolsa de Valores de Nova York (NYSE), em 2026.

“Estar entre os destaques globais da FinTech Magazine é motivo de muito orgulho. Esse reconhecimento tem um sabor especial por conta das minhas



Revista destaca origem do empresário no Rio Grande do Sul e sua trajetória no mercado de crédito

raízes gaúchas, pois foi no Rio Grande do Sul que dei os primeiros passos da minha jornada empreendedora”, afirmou Testa ao Jornal do Comércio.

O empresário nasceu em uma família de seis irmãos e deixou a casa dos pais aos 14 anos. Aos 16, criou o primeiro negócio. Em 1999, aos 23 anos, fundou em Caxias do Sul a Agiplan, inicialmente voltada ao segmento de crédito e que posteriormente daria origem ao Agibank.

A transformação em Agi-

bank ocorreu em 2018, acompanhando a estratégia de ampliar a atuação como banco digital. Diferentemente de outras instituições nascidas ou migradas para o ambiente digital, porém, a empresa manteve uma estrutura de atendimento presencial.

Atualmente, são mais de 1,1 mil smart hubs espalhados pelo País, dentro de um modelo que busca combinar serviços digitais e atendimento físico, especialmente para clientes menos familiarizados com tecnologia.

“No Agibank, usamos a tecnologia para ganhar eficiência, escala e agilidade, mas sem abrir mão da proximidade humana. Mantemos nossos smart hubs justamente para acolher e orientar também quem não é nativo digital, porque acreditamos que a transformação financeira só faz sentido quando inclui mais pessoas”, diz o fundador, que recentemente inaugurou uma nova unidade em Veranópolis, próxima ao local onde nasceu.

Um dos principais marcos re-

centes da trajetória da companhia, como citou a FinTech Magazine ocorreu em fevereiro deste ano, ocorreu com a estreia na Bolsa de Valores de Nova York. O IPO do Agibank, negociado sob o ticker AGBK, levantou US\$ 240 milhões. Além da atuação no banco, Testa mantém ligação com o ecossistema empresarial gaúcho: o executivo é um dos cofundadores do Instituto Caldeira, hub de inovação sediado em Porto Alegre.

Marciano Testa não é o único nome ligado a uma empresa brasileira na relação. A lista de 2026 também inclui David Vélez, do Nubank, na 5ª colocação; Pedro Franceschi, da Brex, em 29ª; Marcelo Kalim, do C6 Bank, em 34ª; e Pedro Arnt, da dLocal, na 36ª posição.

A relação global é liderada por Pony Ma, da Tencent, seguido por Patrick Collison, da Stripe, e Ryan McInerney, da Visa. A FinTech Magazine afirma que a seleção considera executivos seniores com atuação relevante nos rumos, na escala e no impacto das organizações do setor financeiro. Entre os critérios considerados estão “responsabilidade estratégica, escala das empresas e impacto no mercado, influência e inovação no setor, além de governança e reconhecimento profissional”.

Para Marciano Testa, a presença na lista também funciona como uma vitrine para a trajetória construída a partir do Rio Grande do Sul.

Projeção de Planejamento e Fazenda para Selic acumulada em 2026 passa para 14,22%

Os Ministérios do Planejamento e da Fazenda aumentaram a projeção para a taxa Selic acumulada em 2026 para 14,22%. A revisão consta no Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias do 4º bimestre, divulgado nesta quinta-feira. No último relatório bimestral, a projeção era de que a Selic encerraria 2026 em 14,16%.

Na sua mais recente reunião, entre os dias 15 e 16 de setembro, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central cortou a taxa básica de juros em 0,25 ponto percentual, de 14,00% para 13,75% ao ano. Na ata divulgada em 22 de setembro, o colegiado reafirmou que o cenário atual é marcado por significativo aumento da incerteza, desancoragem das expectativas e riscos

elevados em torno do cenário base, demandando serenidade e cautela na condução da Selic.

A projeção para o câmbio médio deste ano se manteve em R\$ 5,16. A previsão para a alta da massa salarial nominal oscilou de 10,03% para 9,82%. Já a estimativa para o preço médio do barril de petróleo no mercado internacional subiu de US\$ 79,16 para US\$ 87,7.

Tanto a previsão para o IPCA acumulado quanto para o INPC acumulado diminuíram no relatório relativo ao 4º bimestre. No 1º bimestre, a estimativa para o IPCA era de 3,74%, saltando para 4,49% no 2º bimestre, depois 5,08% no 3º. Agora, a expectativa para o principal índice de inflação do País foi para 4,92%. Já o INPC acumulado diminuiu

de 5,30%, no 3º bimestre, para 5,12%, no 4º bimestre.

Na última terça-feira, a Secretaria de Política Econômica (SPE) do Ministério da Fazenda atualizou a grade de parâmetros para este ano e as estimativas de impactos do conflito no Oriente Médio na economia brasileira, ainda sem incorporar possíveis efeitos do reajuste do Bolsa Família anunciado em 17 de setembro.

Para a pasta, o conflito entre Estados Unidos e Irã deixou de ser entendido como um choque pontual e passou a ser tratado como uma condição persistente. Dessa maneira, a volatilidade do Brent somada à redução dos estoques globais resulta em uma menor capacidade de absorção de novos choques pela economia do País.

A projeção para o IPCA de 2026 foi atualizada para baixo no relatório da SPE, de 5,1% para 4,9%, ainda fora do teto da meta

de 4,5%. A estimativa converge com a mediana das expectativas do mercado financeiro, de 4,92% de acordo com o Boletim Focus.



Em seu último relatório, projeção era de que taxa encerraria em 14,16%